

APRESENTAÇÃO DA SEÇÃO TEMÁTICA

ARTE CONTEMPORÂNEA E EXPRESSÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Aissa Afonso Guimarães

(PPGA/CAR/UFES)

Renata Gomes Cardoso

(PPGA/CAR/UFES)

Conforme anunciamos na chamada para este número da Revista Farol, uma reflexão que se queira atual sobre a arte e as culturas brasileiras deve considerar heranças distintas, que conduziram à complexidade e diversidade da arte e das expressões culturais que circulam de norte a sul do país. Não apenas no Brasil, mas também internacionalmente, as discussões sobre as relações étnico-raciais se ampliam continuamente no meio acadêmico e em reconhecidas instituições, como resultado de ações que partem de muitos agentes dentro da sociedade, trazendo questionamentos sobre as bases do conhecimento ocidental e das políticas culturais de um sistema que é, ainda, estruturalmente excludente.

O reconhecimento de diferentes sujeitos e de seus direitos culturais são questões que implicam diretamente no campo do patrimônio cultural e da arte refletindo em transformações curatoriais, exposições, palestras, entrevistas e demais eventos, bem como um aumento significativo de publicações que contribuem para uma maior difusão das práticas e das discussões, sobre processos que evidenciam relações entre arte e as especificidades culturais derivadas da questão étnico-racial, conferindo uma maior circulação de autores, artistas, práticas e grupos antes marginalizados.

Trabalhar questões no âmbito das relações étnico-raciais implica necessariamente em construir um diálogo interdisciplinar, que permita afirmar diferentes identidades e alcançar novas perspectivas no campo das pesquisas acadêmicas em Arte. Os dez artigos que compõem esta seção temática da Revista Farol ampliam o debate sobre diferentes campos como: arte contemporânea, patrimônio cultural, teatro, etnomusicologia.

Os cinco artigos que abordam mais diretamente a arte contemporânea dialogam entre si na medida em que propõem novas perspectivas de compreensão e de reflexão no campo da arte, com recorte racial engajado na luta antirracista. O texto de Kleber Amâncio, “A História da Arte branco-brasileira e os limites da humanidade negra”, parte de uma análise sobre a sistematização dos campos da história, e da própria História da Arte, para entender a constituição desse campo no Brasil, epistemologicamente ancorado no modelo europeu, o que cria embates e contradições para situar e analisar as criações artísticas relacionadas à temática racial e a artistas negros, diante de conceitos como “primitivo”, “negro”, ou ainda, afro-brasileiro. Jorge Vasconcellos, em “A Lança e o Arco, ou Por um devir-quilombista da arte”, propõe um “giro minoritário” na arte contemporânea por meio do “quilombismo”, como alternativa estética para movimentar todo o sistema da arte e da escrita sobre ela, e como estratégia política para debater as pontes entre arte e ativismo, bem como re-

presentatividade e circulação de artistas no sistema vigente, determinado por dispositivos de racialização. Ambos debatem questões teóricas do campo da arte e da história da arte no Brasil desconstruindo antigos conceitos e propondo novos caminhos teóricos.

O artigo de Máira Freitas de Souza e Geovanni Lima, “Voltar à encruzilhada: a poética do retorno de Geovanni Lima”, apresenta o processo de criação e performances deste artista capixaba que evidencia em seu trabalho uma investigação entre poética e corpo como material político e território de práticas de subversão das opressões, entre memórias e referências subjetivas e afetivas. Na mesma linha, o texto de Camila Calolinda da Silva, Alex Fabiano Alonso e Eluiza Bortolotto Ghizzi, “Não caminho sozinho: percurso para recordar e ressignificar na obra de Paulo Nazareth”, aborda a obra e trajetória do artista Paulo Nazareth, em análise que amplia e fornece material teórico para cotejamento e continuidade das discussões sobre corpo, território, deslocamentos, ancestralidade e identidade. Lucas Ferreira de Vasconcellos e Rita Lages Rodrigues, em “Impulso Historiográfico na prática artística de Rosana Paulino: o caso da exposição Atlântico Vermelho no Padrão dos Descobrimentos (2017)”, enfocam a “experiência estético-sensorial e espaço-temporal” que retoma discussões sobre o sistema das artes e a reelaboração de circuitos que subvertem sua estrutura, em uma reflexão sobre memória, história, patrimônio e musealização, em perspectiva decolonial e no embate com os sujeitos. Os três artigos abordam diretamente trabalhos de artistas negros e negras que expõem e discutem questões raciais, de gênero e de memória.

No campo do patrimônio, o artigo “Sobre Políticas do Corpo Negro Feminino e Territorialidades Jongueiras no Enfrentamento ao Racismo”, de Patrícia Gomes Rufino Andrade, apresenta

como resultados de pesquisas realizadas em Programas de Extensão da UFES, com grupos de jongos e caxambus no Espírito Santo, uma reflexão sobre ancestralidade nas práticas jongueiras, construções históricas do feminino e das políticas do corpo negro feminino, de lideranças de mulheres, de interseccionalidade, remetendo a práticas ritualísticas da religiosidade afro-brasileira e a experiências no campo da educação no contexto da Lei 10.639/2003, como formas de enfrentamento ao racismo.

Oswaldo Martins de Oliveira e Paula Aristeu Alves, em “Quilombo, território e patrimônio cultural: a visão de duas lideranças”, se dedicam a uma abordagem etnossociológica em campo para discutir e apresentar narrativas sobre a formação da comunidade quilombola de Retiro, Santa Leopoldina do Espírito Santo e a transmissão cultural familiar a partir do final do século XIX; e os processos de escolarização na comunidade, tendo como referência quilombolas que concluíram curso universitário na atualidade, e suas visões sobre as lutas por território, herança cultural e direitos, em diálogo com a comunidade e as lideranças.

Elisa Ramalho Ortigão propõe uma abordagem sobre as práticas tradicionais do Congo, a partir do contato com a Banda de Congo Amores da Lua, do Mestre Ricardo Sales. O debate é conduzido com o cotejamento de conceitos como cultura, experiência ancestral, estéticas tradicionais, bem como patrimônio e salvaguarda, em uma reflexão que interliga a experiência local e o debate acadêmico.

O texto de Zeca Ligiéro, “Benjamin de Oliveira: Palhaço Negro no Salão do Branco”, apresenta o universo do teatro e suas relações com o circo, por meio da reconstituição da biografia de Benjamin de Oliveira (1870-1954), consagrado palhaço negro do Brasil, através da construção de espetáculos orientados para formação e educa-

ção para as relações étnico-raciais em artes cênicas, tendo como base a Lei 10.639/2003. Por último, Daniel Stringini, com “Uma escuta das migrações, músicos haitianos e performances em deslocamento”, contempla a circulação de músicos e coletivos haitianos no sul do Brasil, analisando práticas musicais e as relações culturais nos fluxos migratórios, entre cidades, territórios, tensões e deslocamentos. Ambos trazem elementos riquíssimos para ampliar os debates no campo da arte com as artes cênicas e com a etnomusicologia, no que diz respeito a questões ligadas a representações no campo da educação para as relações étnico-raciais.

Os artigos organizados neste dossiê trazem contribuições fundamentais para compreensão e ampliação de temas relacionados às questões étnico-raciais e ao patrimônio cultural no campo da arte. Neste sentido, podemos observar o caráter interdisciplinar de um crescente número de pesquisas que tomam como eixo de investigação esta temática, a partir de diferentes análises sobre arte, história da arte, performances, tradições e patrimônio cultural, no debate acadêmico atual.